

DO SÍGNO VERBAL À IMAGEM DIGITAL: RELAÇÕES INTERSEMIÓTICAS E DISCURSIVAS NAS REDES

É comum falarmos e interagirmos sem utilizarmo-nos a norma culta de uma língua, pois, ao construirmos um determinado enunciado não costumamos ordenar, previamente, as sequências linguísticas sem, de fato, conhecer o espaço enunciativo que elas (orais ou escritas) podem emergir e, com isso, produzir os sentidos desejados. Do ponto de vista dos estudos do discurso, precisamos compreender as nuances e os enredos das condições de emergência, que são fundamentais para observarmos os usos da língua e(m) sua diversidade, colocando-a numa relação polêmica entre a ordem do dizer da linguística e da gramática normativa.

As redes e mídias virtuais, hoje, têm ocupado significativo espaço de interação humana, constituindo-se como ambientes de intensiva comunicação por meio de ferramentas e estruturas que possibilitam não mais uma forma monológica ou limitada ao estilo verbal, mas também pela amplitude de mecanismos, que englobam os recursos da tecnologia do digital. Em outras palavras, trata-se de estratégias, estilos e formas gerados por esses próprios ambientes enunciativos como maneira de fomentar uma visão mais sincrética e multimodal de materiais e não exclusivamente produzidos por frases ou textos escritos, cuja função é diminuir fronteiras geográficas, a fim de estabelecer novos estilos de linguagem.

Nesse caminho, língua, corpo, sujeito e discurso tornam-se motes de significativas observações de analistas do discurso por movimentar transformações sociais que modificam esse modo “tradicional” de comunicação, face a face, para questionarem acerca da interação cada vez mais singular e particular do virtual, movida por diferentes posicionamentos, estratégias discursivas, condições de produção de dizeres que (res)significam os distintos sentidos sobre o que é a língua e seu funcionamento nesse emaranhado tecnológico. Plataformas como WhatsApp, Instagram, TikTok e X (antigo Twitter), por sua vez, são suportes inseparáveis da atual circulação e produção de sentidos sobre os diversos temas sociais. Tal ciberespaço, como lembra-nos Levy (1999, p. 17), produz “um novo espaço de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, das redes digitais e da memória coletiva virtual”, isto é, estamos diante de

um palco responsável por proporcionar práticas ora democráticas (movimentos sociais, lutas por direitos femininos e da comunidade LGBTQIAP+, denúncias, entre outros) quanto de desinformação e manipulação (Fake News), que movimentam tudo isso num conjunto de discursos no seio da vida social.

É por meio dessa disparidade entre as diferentes modalidades de língua, nessa polêmica relação, que podemos nos questionarmos sobre a oposição que há tempos se coloca na história e é responsável por problematizar certas questões que comumente causam um estigma voltado sobretudo pela dicotomia do “certo” e do “errado”, “belo” e “feio”, “formal” e “marginal”. Tais princípios são produzidos porque a maioria da população tem em suas bases formativas a cristalização de discursos que colocam a norma gramatical como um modelo “ideal” de língua, responsável por mensurar não só os diferentes setores sociais (falar bem = mais educado *versus* falar mal = menos educado; rico = formal *versus* pobre = marginal), mas também por ordenar e estruturar toda prática de comunicação definida no interior de um conjunto histórico e político, com poderes sociais atribuídos a uma parcela da população.

Essas práticas, inscritas nas diferentes instâncias enunciativas, ratificam e/ou (res)significam imaginários sociais, políticos, econômicos, que negam o caráter multifacetado da língua(gem) e sua relação com a diversidade linguística, responsável por criar e definir diferentes (des)identidades no espaço brasileiro. No escopo dessas observações, essas problematizações acerca do digital conduzem-nos a pesquisas de tratamento minucioso sobre as mudanças que ocorrem diariamente e, por consequência, produzem estilos e recepções de sentidos diversos a partir dos diferentes espaços do dizer social. Não queremos relativizar todas as materialidades atribuindo-lhes apenas um caráter de “virtual”, como se fosse uma etiqueta sem fundamento, pelo contrário, produzimos com estas nossas reflexões um breve esboço de questionamentos que colocam esse discurso digital como um ponto nevrálgico para compreendermos, na contemporaneidade, nossos processos de interação e comunicação virtual. Memes, podcasts, *posts* em redes sociais, *reels*, entre outros gêneros discursivos vieram para ocupar essa cenografia que se dissipa do estritamente linguístico para o macro tecnológico do discurso digital.

Por fim, este dossiê tem como objetivo reunir um conjunto de trabalhos que buscam como ponto de discussão essa relação da língua com a sociedade, em especial o

embate teórico-metodológico travado entre essas duas instâncias – norma gramatical *versus* a língua em uso por meio de uma perspectiva multimodal e sincrética. Os textos que compõe estas nossas reflexões proporcionam questionamentos essenciais, problematizando esse “entre-lugar” discursivo do sujeito numa fronteira tênue entre o verbal e o virtual, a partir de temas cotidianos do Brasil e do mundo, a fim de compreendermos esses movimentos de sentidos gerados não só pelas estruturas linguísticas, mas também considerando um país diverso e multicultural. Para tal, convidamos a todos os interessados a desfrutarem desse conjunto de trabalhos que se lançaram e se dedicaram a essa perspectiva do digital, colocando em xeque pré-construídos e estigmas criados, justamente, pela relação da língua e(m) sociedade diante das mudanças e transformações via campo no/pelo discurso digital. Boa leitura!

Referência

Lévy, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

Goiânia, outono 2025

Marco Antonio Almeida Ruiz (UFG)

Lígia Mara Boin Menossi de Araújo (UFSCar)

Edna Silva Faria (UFG)